

“RÁDIO INDÍGENA WEB: ETNOMÍDIA NA CONSTRUÇÃO DE UM LETRAMENTO CRÍTICO

Marina Oliveira Barboza¹
Ana Lúcia de Campos Almeida²

RESUMO: As mídias digitais têm ocupado importante papel na sociedade atual e globalizada. As fronteiras são aproximadas por meios da comunicação instantânea e uso de diversos artefatos digitais que ocupam lugar central na comunicação cotidiana. Essa forma de comunicação utiliza a linguagem como ferramenta e ressignifica os modos de entendermos a língua, a linguagem e a comunicação entre as pessoas. A escrita e a oralidade se misturam, interpenetrando-se nas telas de aplicativos de comunicação instantânea e redes sociais. Por meio da análise da Rádio Indígena Web Yandê abordaremos questões sobre letramento na perspectiva dos Novos Estudos do Letramento, etnomídia e linguagem *on line*. As práticas discursivas serão analisadas dentro da perspectiva de um letramento crítico cujos aspectos ideológicos estão implicados nas práticas sociais de letramento. A identidade dos povos indígenas é representada por meio da etnomídia cujas bases estão na noção de resistência e representação dos aspectos étnico-culturais desses povos. Apoiar-nos-emos nos pressupostos teóricos sobre linguagem *on line* de Barton e Lee (2015) e nos Novos Estudos do Letramento desenvolvidos principalmente por Barton e Hamilton (1994), Street (2007); Kleiman (1995); Kleiman e De Grande (2015) e Kleiman e Sito (2016).

PALAVRAS-CHAVE: Letramento; Web rádio indígena; Identidade; Linguagem; Etnomídia

ABSTRACT: Digital media has occupied an important role in our current globalized society. The borders became closer by means of instantaneous communication and the use of digital artifacts that occupy a central place in daily life communication. This new form of communication uses language as a tool and resignifies the ways by which we understand language and communicative interactions between people. Written and oral modalities mix and interpenetrate on the screen of mobile apps and social networks. By means of analysing Indigenous Radio Web Yandê, we will focus on questions of literacy in the perspective of New Literacy Studies, ethnomedia and online language. Discursive practices will be analysed according to the perspective of critical literacy, whose ideological aspects are implicated in the social practices of literacy. Indigenous people's identity is represented through ethnomedia which has as its basis the notions of resistance and the representations of ethnic and cultural aspects of these people. We draw upon Barton and Lee's (2015) theoretical assumptions about online language and upon the New Literacies Studies developed mainly by Barton and Hamilton (1994); Street (2007); Kleiman (1995); Kleiman and De Grande (2015) and Kleiman and Sito (2016).

KEY WORDS: literacy; ethnomedia; identity; online language

Introdução

A representação identitária dos povos indígenas sempre se pautou pelo olhar e pela fala do não indígena sobre o indígena. As etnomídias em grande medida procuram subverter essa ordem ao dar voz ao indígena para que possa falar de si e do outro como autores.

¹ Doutoranda em Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Londrina. E-mail: marinaleib@hotmail.com
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/371934551555211>

² Doutora em Linguística Aplicada pela UNICAMP, docente do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: analucpos@uel.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2579379962697917>

Nesse sentido, as reflexões realizadas nesse trabalho buscam mostrar como as vozes das populações tradicionais são ecoadas hoje por meio das mídias da sociedade envolvente. A apropriação da língua portuguesa, dos aspectos culturais e das mídias sociais pelos povos tradicionais mostram que o indígena, longe de deixar de ser índio, é sujeito de seu tempo, acompanha como qualquer povo a evolução das práticas sociais de linguagem e das práticas culturais.

A colonização dos povos tradicionais e seus saberes impediram que suas vozes ocupassem o lugar social como sujeitos de suas histórias e cultura. As populações tradicionais não se encaixam no modelo de homem eurocêntrico, visto que a narrativa desses povos não se coaduna com a lógica mercantilista e capitalista neoliberal. As narrativas ocidentais esmagaram a possibilidade de narrativas distintas de outras partes e de outros povos do mundo.

Essas narrativas foram construídas socialmente por meio de discursos apropriados para determinados períodos históricos quando se desejou legitimar ações e práticas de toda ordem: social, econômica, simbólica, histórica.

As novas tecnologias trazem consigo uma possibilidade de representação desses sujeitos. Constituem, também, um novo “território” o qual o indígena também pode transitar e se posicionar discursivamente.

É possível perceber um jogo de posicionamento sócio-identitário, no qual os indígenas apreendem os conhecimentos ocidentais, mas com objetivo de levar para suas comunidades um conhecimento que pode ser adaptado às suas realidades.

Com relação a isso, Fairclough (2001, p. 22) diz que os discursos não são apenas representativos de entidades e relações sociais, mas “diferentes discursos constituem entidades-chave posicionando as pessoas de modos diferentes como sujeitos sociais”.

Desse modo, as populações indígenas podem, por meio das tecnologias, produzirem uma nova ordem do discurso, na qual seus saberes assumem uma forma de comunicação intercultural e hibridizada, ressignificando as vozes que outrora foram silenciadas pelas vozes hegemônicas. A forma tradicional do indígena de estar no mundo e de se comunicar encontra nesse espaço intermediário a possibilidade de horizontalizar as relações de poder.

Para as análises, foram realizados quatro recortes de áudios que são representativos do conteúdo veiculado pela web rádio, ou seja, representam o caráter étnico, de consciência socioambiental e de hibridismo linguístico e étnico-cultural. Os áudios foram recortados nos dias 12 e 13 de janeiro de 2018 do site da rádio.

1. Linguagem, cultura, identidade e tecnologias digitais

Os povos indígenas sempre ocuparam um papel social secundário quando se refere ao reconhecimento desses povos como legítimos habitantes da nação brasileira. A representação de sua cultura e de seus saberes na grande mídia sempre foi realizada pelo não indígena. As etnomídias têm se colocado em oposição à dominação da grande mídia, por meio de conteúdos que desconstroem ideias de colonização e subalternização desses povos.

Mignolo (2011, p. 143) *apud* Nascimento (2017, p. 58) argumenta que a naturalização de uma visão hegemônica na produção do conhecimento se traduz na racialização e inferiorização dos corpos de povos minoritarizados como os indígenas. Logo, essa inferiorização é estendida também aos conhecimentos e suas línguas. A busca de uma visão intercultural e decolonial requer um diálogo intepistêmico e que, segundo Nascimento, deve

[...] refutar qualquer pretensão de universalidade e totalidade, presunções que continuam regendo a produção hegemônica de conhecimento nas universidades no sistema-mundo moderno/colonial, além de desligar-se da matriz colonial de poder que, ao hierarquizar raças, posicionou diferentemente conhecimentos e modos de pensar dos povos colonizados, subalternizando-os e excluindo-os (NASCIMENTO, 2017, p. 57).

O autor destaca ainda que “as concepções e práticas de linguagem hegemônicas foram forjadas como parte do projeto colonial, tendo como perspectiva privilegiada a posição geopolítica e os interesses do colonizador” (NASCIMENTO, 2017, p. 64). Nesse sentido, argumenta o autor que, além do apagamento/extermínio dos corpos não europeus, suas epistemologias, ideologias e práticas de linguagem também foram e continuam sendo apagadas por esse projeto de colonização. As populações indígenas têm lutado por um espaço no/do qual possam falar, serem vistas, representadas na sociedade globalizada. Almejam contar sua história sob o ponto de vista de quem foi subalternizado e que agora faz parte dessa sociedade criada pelos projetos europeus.

O letramento dominante realizado pela cultura ocidentalizada por meio da imposição da língua portuguesa sobre as línguas indígenas, bem como a imposição do cristianismo foram movimentos de violência não apenas física, mas ideológica e com propósitos definidos: fazer calar a voz e a história desse povo. Assim, suas línguas tornaram-se ilegítimas, suas crenças atribuídas a “primitivismos” e demônios. Nascimento (2017) destaca que a globalização como um novo padrão de poder mundial tem suas bases na colonialidade do saber (QUIJANO, 2000). As epistemologias indígenas fundadas na espiritualidade são ignoradas pelo saber

ocidentalizado e positivista. Os espaços onde o povo indígena pode se representar ficam limitados às suas próprias aldeias.

Contudo, a globalização e os recursos tecnológicos de comunicação têm possibilitado ao indígena acesso a outras formas de saber e não apenas isso, mas a oportunidade de também fazer a sua voz ser ouvida. Agora eles mesmos falam publicamente sobre si, discutem, problematizam, dando o seu enfoque e o seu ponto de vista.

A etnomídia surge como um conceito de comunicação utilizada principalmente por grupos étnicos que foram historicamente discriminados. Assim, os indígenas se apropriam da mídia para comunicar e ressignificar sua cultura na sociedade globalizada. Kleiman e Sito (2016, p. 170) argumentam que a diversidade linguístico-cultural, de sistemas semióticos e de modalidades de comunicação abrem espaço para os multiletramentos. É importante, segundo as autoras, investigar as práticas letradas invisibilizadas em comunidades minoritizadas como dos indígenas e de comunidades negras:

[...] nessas comunidades, os multiletramentos nos convidam a pensar também nos modos vernáculos de apropriação de gêneros tradicionais - em geral pertencentes a esferas burocráticas, jornalísticas e acadêmicas - de instituições letradas poderosas (porque são socialmente legitimadas), que são transformados e postos a serviço das necessidades dessas comunidades com letramentos emergentes de e para a luta social (KLEIMAN e SITO, 2016, p. 171)

É interessante refletir sobre como os aspectos de letramento alicerçados no uso da língua e da linguagem são apropriados pelo indígena e transformados em objetos de luta para reivindicação de seus direitos e representação da sua cultura nos meios midiáticos. Aspectos como letramento crítico estão implicados nesse contexto, uma vez que os usos sociais que podem fazer dos espaços midiáticos lhes conferem a emergência de novas práticas socioculturais da expressão de seu povo numa perspectiva crítica e libertadora.

As tecnologias digitais têm transformado a vida das pessoas em vários campos, desde atividades cotidianas até as áreas do trabalho e lazer. Barton e Lee (2015, p. 12) mencionam o conceito de **domesticação da tecnologia** (de Berker et al, (2005), no qual a integração das tecnologias na vida das pessoas é por elas reapropriada para facilitar suas atividades diárias de muitos modos, como por exemplo, o uso da câmera do celular para, ao invés de copiar um texto, ou um endereço numa placa, simplesmente capturar a imagem que pode ser enviada e compartilhada em um aplicativo como o *whatsapp* ou outro.

As mudanças tecnológicas impactam as práticas sociais de comunicação, ou seja, o que

aprendemos sobre leitura e escrita ganha novos contornos quando se fala da comunicação em rede. Nesse sentido, na medida em que as tecnologias vão possibilitando às pessoas de diferentes lugares se conectarem e divulgarem sua perspectiva e suas posições como sujeitos atuantes no espaço e tempo sócio-histórico é que se torna possível aos indígenas dizerem: “o lugar do indígena é onde nós queremos ficar”, seja no espaço físico ou no espaço virtual.

Barton e Lee (2015) argumentam que a Web faz parte de um mundo mediado por textos, o que envolve boa parte das atividades sociais das pessoas como a educação, o trabalho, a vida cotidiana. Os autores destacam que tais práticas estão envoltas em linguagem e que as novas tecnologias e seus aparatos são utilizados como veículos da mediação textual, ou seja, tudo é realizado por meio da palavra, do texto, do discurso e por meio da/na rede web.

A aproximação das pessoas por meio da rede possibilita o intercâmbio de valores, culturas, e as possibilidades de se vivenciar outras identidades. Maia (2013, p. 61) observa que o crescimento das Tecnologias da Informação e Comunicação - TICs aproximou também os “sujeitos de periferia” tornando possível, assim, o contato com diferentes práticas culturais. Propõe o autor que há uma hibridação entre as práticas cotidianas e as digitais e isso inclui a práticas de escrita, argumentando que, por meio das TICs, os letramentos locais podem ser amplamente divulgados, se tornarem globais e darem voz e vez aos grupos periféricos.

2. Letramento e web letramento: resistência e empoderamento da cultura indígena

Barton e Lee (2015) destacam que os estudos do letramento que focalizam diversas práticas sociais de uso da linguagem falada e escrita encontram no mundo *on line* um campo fértil para sua investigação, sendo que as tecnologias propiciam um grande processo de hibridação cultural. Argumentam ainda que a língua é uma das práticas de maior potencial para representar as identidades.

Os autores destacam que a internet e/ou as tecnologias digitais não diminuíram o uso da linguagem escrita, pois, ao contrário do que se pensava, “o mundo é cada vez mais mediado pelo texto”. Contudo, essa escrita é ressignificada nesse espaço de um modo fluente e é representada de acordo com as formas de interação de seus usuários e os usos que fazem dos recursos tecnológicos.

Surgem muitas possibilidades das pessoas se representarem na Web por meio da escrita utilizando redes sociais, aplicativos de conversa instantânea, *blogs* e *vlogs*. A forma linear de

conceber a escrita nos livros e textos em geral, na web assume o caráter da multimodalidade. As informações ganham uma dimensão mais global com as infinitas possibilidades criadas por hipertextos e hiperlinks, que ampliam a busca por determinado assunto. Essas novas formas de leitura e de escrita mudam a forma como as pessoas veem o conhecimento, bem como a forma como aprendem, como buscam informação e como compartilham essas informações.

A essas formas peculiares de empregar os recursos tecnológicos Barton e Lee chamam de **virtualidades**, conceito retomado por estudiosos do letramento digital e que diz respeito a como as pessoas se apropriam das tecnologias e a empregam no seu dia a dia, ou seja, as pessoas usam os recursos virtuais de modos diversos. Elas criam e recriam formas de uso de acordo com sua realidade social e acompanham o processo sócio-histórico das mudanças nas formas de escrever e de ler o mundo.

Street argumenta que, “o que vem a ser uma pessoa, a ser moral e a ser humano em contextos culturais específicos é muitas vezes representado pelo tipo de práticas de letramento com que a pessoa está comprometida” (STREET, 2006, p. 469). As comunidades indígenas têm suas identidades frequentemente questionadas, visto que a imposição de valores ideologicamente marcados pela colonização perpetuada nas mentes pelo processo de colonização do saber impõe a essa população um local de atuação, seja por meio da delimitação de territórios ou pela imposição de uma episteme que desqualifica os saberes tradicionais indígenas. Street destaca que diferentes letramentos estão associados a diferentes personalidades e identidades, afirmando que,

[...] quando frequentamos um curso ou uma escola, ou nos envolvemos num quadro institucional de práticas de letramento, por meio do trabalho, do ativismo político, dos relacionamentos pessoais, etc.; estamos fazendo mais do que simplesmente decodificar um manuscrito, produzir ensaios ou escrever com boa letra: estamos assumindo - ou recusando - as identidades associadas a essas práticas (STREET, 2006, p. 470)

Para Street, as práticas de letramento podem nos posicionar, sendo também lugares de negociação e transformação. Salienta que até recentemente se encarava o processo de dominação como algo unilateral, cuja perspectiva era do assujeitamento do indivíduo que sob a perspectiva ideológica dominante não podia agir. O autor argumenta que essa perspectiva foi substituída por outra que reconhece o papel da agentividade, ou seja, “o modo como as pessoas em diferentes posições rejeitam e negociam as posições que aparentemente lhe são atribuídas” (STREET, 2006, p. 471), o que significa que o assujeitamento nunca é absoluto, havendo sempre espaço para recusa e negociação.

A Rádio Web Yandê é um exemplo de como a linguagem e os recursos tecnológicos são utilizados para determinados fins sociais e como a cultura, a identidade e a língua escrita e falada se inter-relacionam no meio digital produzindo resistências ao discurso hegemônico de fixação do lugar e da identidade do indígena. Nesse sentido, acrescenta Street que “a aquisição de um conjunto particular de práticas de letramento, enquanto claramente associada a identidades culturais particulares, pode de fato ser um foco para transformação e desafio” (STREET, 2006, p. 471).

Street (2006, p. 472) questiona os discursos nos quais o letramento dominante é apresentado como único, pois assim é promovida a exclusão dos letramentos de diferentes classes sociais ou grupos étnicos. Destaca ser importante investigar como o letramento dominante marginaliza outras variedades de letramento e, em citação a Kulick e Stroud (1990), argumenta que é preciso assumir uma visão na qual se analise como as pessoas afetam o letramento, em vez de como o letramento afeta as pessoas.

A cultura indígena e suas identidades foram em muito subalternizadas e posicionadas pelo poder hegemônico. Contudo, esses povos têm mostrado imensa capacidade de se apropriarem do saber letrado que lhes foi imposto e com isso ressignificarem sua cultura e seu saber. Kleiman e De Grande (2015, p. 14) destacam que, em uma concepção bakhtiniana, qualquer discurso está inscrito no campo sócio ideológico de determinada comunidade, respondendo a discursos que o antecedem ou sucedem.

Desse modo, a Rádio Web Yandê, não apenas divulga a cultura indígena e dá voz a quem de direito, mas seus interagentes respondem o tempo todo ao saber hegemônico, instituído desde a colonização. É um exemplo de como os indígenas se apropriaram do letramento dominante para transformá-lo em um letramento ideológico no qual as práticas socioculturais e identitárias se associam aos conhecimentos ocidentais para ressignificarem seus próprios modos de produção de conhecimento.

3. Web Rádio Yandê: etnomídia, identidade e resistência

“A Rádio Yandê hoje é imprescindível para que nós indígenas sejamos protagonistas de nossa própria história”. (Rádio Yandê)

Magnoli e Rodrigues (2013) afirmam que as tecnologias de comunicação propiciaram o encurtamento das distâncias globais. O rádio foi o veículo pioneiro na comunicação de massa.

As mudanças econômicas, políticas, sociais e culturais produzem mudanças nos processos comunicativos. A radiodifusão possui uma enorme influência ideológica. Os autores afirmam que

[...] desde os primeiros instantes da Modernidade, os meios de comunicação serviram como ferramentas estratégicas para difusão de interesses e ideologias de segmentos sociais dominantes, além de padrões culturais, comportamentais e de consumo material e simbólico. (MAGNONI; RODRIGUES, 2013, p. 2)

Esses interesses ideológicos vão construindo identidades e posicionando os sujeitos socialmente por meio da linguagem falada e escrita. Questões de identidade e linguagem são levantadas por Maher (1998), que entende os processos identitários como construídos na linguagem, no discurso e, portanto, na interação socio-histórica dos sujeitos:

[...] percebo a identidade como sendo um constructo socio-histórico por natureza, e por isso mesmo, um fenômeno essencialmente político, ideológico e em constante mutação. Acompanha-me neste trabalho, também a crença de que é, sobretudo em suas práticas, que o sujeito índio emerge e é revelado: é, principalmente, no uso da linguagem que as pessoas constroem e projetam suas identidades. É assim, o discurso, isto é, a linguagem em uso, e não qualquer materialidade linguística específica - como bem lembram Poche (1989) e Sierra (1987) - quem cria e faz circular o sentido “ser índio” (MAHER, 1998, p. 117).

A característica marcante das etnomídias é o fato de seus usuários se apropriarem dos recursos midiáticos para compor o seu próprio discurso, subvertendo a ordem dos discursos produzidos pelas grandes mídias; sobretudo no caso aqui discutido, os indígenas falam de seu lugar e tempo sócio-histórico e ideológico, bem como falam no/do seu próprio espaço territorial. Nesse espaço a linguagem é criada e faz circular o “o sentido de ser índio”, mencionado por Maher (1998).

Maia (2013) traz o conceito de desterritorialização mencionado por Canclini (2008) e que explica a hibridação intercultural: a desterritorialização envolve o fim da naturalização entre espaço geográfico e práticas culturais. Os indígenas não ocupam mais os mesmos espaços geográficos e, contudo, ainda é lhes possível manter sua identidade étnico-cultural.

Essa desterritorialização do indígena ocorre nas práticas sociais em que o conhecimento, antes passado de geração em geração por meio dos mais velhos, agora também conta com as tecnologias para fortalecer os vínculos entre os povos e mais, com um poder de alcance nunca antes imaginável.

A Rádio Web Yandê foi criada em 11 de novembro de 2013, tem sede no Rio de Janeiro

e a abrangência de comunicação é nacional. A Rádio Yandê é um ponto de mídia livre. As mídias livres se caracterizam primordialmente por conteúdos políticos e pela busca de horizontalidade no conteúdo informativo. Nesse sentido, a Web Rádio Yandê dá voz a muitas etnias e povos indígenas.

Figura 1



Fonte: Web Rádio Yandê

Caracteriza-se como uma etnomídia com conteúdo político, educacional e étnico cuja proposta é transmitir “o modo tradicional indígena em formato digital”. A Rádio é destinada à Comunicação Indígena e Etnomídia:

Yandê é a nossa rádio, feita para "você" e "todos nós", como diz o ditado, tudo que fazemos juntos fica melhor, é com esse conceito que nós do Grupo de Comunicação Yandê trabalhamos. A Rádio Yandê é educativa e cultural. **Temos como objetivo a difusão da cultura indígena através da ótica tradicional, mas agregando a velocidade e o alcance da tecnologia e da internet.** Nossa necessidade de incentivar novos "correspondentes indígenas" no Brasil, faz com que possamos construir uma comunicação colaborativa muito mais forte, isso comparada as mídias tradicionais de Rádio e TV". (Página da Web Rádio - Aba Rádio) *Grifo nosso.*

Figura 2 – Web site da Rádio



Fonte: Web Rádio Yandê

Almeida e Magnoni (2010) levantam algumas das principais características da Web: multimodalidade ou convergência, hipertextualidade, customização ou personalização de conteúdo, capacidade de armazenamento e interatividade. A identidade da Rádio Yandê e sua institucionalidade são marcadas pelos textos que direcionam o internauta para compreender a proposta da emissora. A emissora marca sua identidade institucional com a denominação: **Grupo de Comunicação Yandê**. Logo abaixo desses textos, aparecem os nomes dos jornalistas indígenas responsáveis pelo Grupo contendo a formação acadêmica, a etnia, endereço de e-mail e *whatsapp* para contato.

Figura 3: Renata Tupinambá – Jornalista e uma das Fundadoras da Rádio Yandê



Fonte: Web Rádio Yandê

O site é bem elaborado, bem como a organização do *layout*. Há um grau de informatividade altamente relevante. Conta com oito abas que organizam o conteúdo do site e o usuário pode selecionar o que deseja.

Quanto a esse aspecto Almeida e Magnoni (2010, p. 433) argumentam que uma das características da web, a hipertextualidade, modifica a forma como o usuário faz o aprofundamento de conteúdos, pois não há mais uma linearidade e sim uma forma rizomática produzida pela estrutura dos textos e mensagens audiovisuais. Os conteúdos e/ou informações são organizados de acordo com o interesse de quem navega no site.

A Rádio Yandê se caracteriza pela hibridação linguística e cultural tanto nos conteúdos, quanto nas músicas. O conteúdo ouvido, primordialmente em línguas indígenas, é de fluxo contínuo, sempre versando sobre músicas, língua, tradições, conteúdos políticos e conteúdos sobre a cosmovisão indígena. As músicas e os instrumentos tradicionais indígenas são ouvidos durante todo o tempo na Rádio. São transmitidos colóquios, palestras, rodas de conversas de indígenas diretamente das aldeias e de vários locais do país, entrevistas, dentre outros.

A análise foi realizada pelo recorte de quatro áudios ouvidos nos dias 12 e 13 de janeiro de 2018 no site da rádio,³ esse conteúdo também é encontrado no *youtube*. Esses áudios são representativos do conteúdo veiculado pela rádio diariamente, bem como representam o caráter étnico e de consciência cosmológica, política, ambiental e identitária que os povos indígenas desejam manter, mesmo ao se apropriarem de conhecimentos e saberes da sociedade envolvente.

O conteúdo musical traz muitas questões de luta para o indígena nas aldeias e na sociedade como a música abaixo dos *rappers* indígenas douradenses guarani/kaiowá da Aldeia Bororó - “**jovens conscientes – Não julgue pela aparência**”, pode ser ouvida pelo link: <https://www.youtube.com/watch?v=RN07QE9VFvM>. A música é do gênero *rap* que se caracteriza pela denúncia de situações sociais de classes marginalizadas. Denuncia a situação do indígena douradense e os preconceitos que sofrem na região e como são vistos pela sociedade atual. É cantada em português e guarani, mostrando não apenas uma hibridização cultural, mas também linguística e identitária.

Esse hibridismo musical e cultural pode ser visto também na banda de *heavy metal* *Arandu Arakuaa* (https://www.youtube.com/watch?v=OXvTZ_tqcYc). A proposta do grupo é divulgar a cultura e as temáticas indígenas. As músicas falam de elementos da natureza, as composições são feitas em tupi guarani, xerente e xavante e outras línguas indígenas. O som das músicas é uma mistura de cantos e instrumentos musicais indígenas como flautas, apitos, maracás, chocalhos, sons dos pés e os instrumentos pesados do heavy metal. Os indígenas mostram um verdadeiro hibridismo na forma como se apropriam de gêneros tão distantes de sua realidade e recriam suas músicas e ao mesmo tempo reafirmam sua identidade, como vemos no trecho seguinte:

Xe r-oryb, nh~ur r-upi a-guatá (Eu sou feliz, ando pelos campos)
A-î-potar ma~e ybaka resé (Quero que olhes para o céu)
Xe guainumbi, xe taperá un (Sou o beija flor, sou a andorinha preta)

A Rádio Yandê pelo seu alcance nacional consegue atingir um público de muitas localidades. Assim eventos que mobilizam os indígenas de uma região ficam sendo do

³ Site Rádio Yandê: <http://radioyande.com>.

1. <https://www.youtube.com/watch?v=RN07QE9VFvM>.

2. https://www.youtube.com/watch?v=OXvTZ_tqcYc.

3. <https://www.youtube.com/watch?v=ajpmyYmq4Ts>.

4. <https://www.youtube.com/watch?v=5Jd4TgSrlgY>.

Bem como os conteúdos dispostos no Youtube.

conhecimento de outros indígenas por meio do alcance da rádio. Exemplo disso é o *III Festival Juruena* realizado em outubro de 2016 no norte de Mato Grosso e que foi transmitido pela Rádio Web Yandê (<https://www.youtube.com/watch?v=ajpmyYmq4Ts>). O festival teve por objetivo debater a atuação de indígenas e sociedade sobre o destino dos rios tendo em vista a construção de usinas hidrelétricas na localidade. Dessa forma a população indígena pode se empoderar na medida em que seus conhecimentos e expectativas são divulgados, mais comunidades podem tornar-se conscientes de seu papel na sociedade envolvente.

Outro áudio recortado para esse trabalho é o documentário intitulado *Índio Presente* (<https://www.youtube.com/watch?v=5Jd4TgSrlgY>), que retrata a visão do indígena sobre como são vistos pela sociedade:

[...] tentar pensar o índio mais real, aquilo que ele é hoje, vivendo na aldeia, vivendo na cidade, de carne e osso; [...]

Gente, nós aprendemos tudo, aprendemos a falar português, a usar as ferramentas, tipo vocês nos forçaram a aprender isso, quando a gente aprende, vocês querem falar assim, tipo vocês não deveriam ter aprendido, isso é muito contraditório.

Esse mal-estar vivido pelos indígenas é fruto da colonização brasileira que os posicionou no passado de forma a invisibilizá-los no presente. Barton e Lee (2015, p. 54) destacam que, embora a internet seja homogeneizante, ela é cultural e linguisticamente diversificada, permitindo às pessoas fazerem parte do mundo global e ao mesmo tempo manterem suas identidades locais. Koutsogiannis e Mitsikopoulou (2007, p. 143, *apud* Barton e Lee, 2015, p. 54), definem glocalização como “uma negociação dinâmica entre o global e o local, com o local se apropriando dos elementos do global que considera úteis e, ao mesmo tempo, empregando estratégias para manter sua identidade”. Barton e Lee destacam que não apenas o global afeta o local, mas também o local pode afetar o global, pois as práticas locais estão se tornando globalizadas.

Argumentam, ainda que, além dos fluxos físicos de pessoas de um lugar para outro, há também um fluxo de informações e conhecimentos mediados pela internet e meios de comunicação de massa. Destacam os autores que a linguagem escrita está no centro de todos esses fluxos, principalmente no meio *on line*, é o que os autores denominam como **espaços de escrita**, ou seja, a internet é mediada pela escrita e oferece os espaços de escrita como facebook, youtube, e-mails, mensagens instantâneas, etc.

Nesses espaços de escrita, na Rádio Yandê, os indígenas vão por meio da língua(gem) construindo outras identidades globalizadas ao mesmo tempo em que reafirmam suas identidades étnicas e locais. São representados nesse espaço não apenas o letramento como habilidade técnica no uso da linguagem, mas toda uma semiose caracterizada pela mistura de possibilidades linguísticas, imagéticas e sonoras.

Figura 4 – Espaço de empoderamento



Fonte: Web Rádio Yandê

Posicionamentos ideológicos do não indígena e do indígena são confrontados na linguagem e nos discursos: “frequentar as instituições dos brancos não significa empoderar nada”. Assim, a Rádio se personaliza pelo conteúdo exibido e representa a força e resistência do povo indígena em busca de representação de sua identidade.

Considerações Finais

A grande revolução dos espaços etnomidiáticos é propiciar às comunidades étnicas ocuparem a posição de sujeitos de sua própria história. Por meio da etnomídia, os indígenas promovem uma subversão do lugar que lhe foi imposto. Eles mostram uma necessidade de transgredir para existir, se apropriam da língua e da linguagem do não indígena e agora podem falar de uma posição mais igualitária, pois podem dizer com suas palavras como se veem, como querem ser vistos e como querem atuar na sociedade globalizada.

Todo esse processo é advindo das práticas multiletradas com as quais os indígenas já estão em contato pela cosmovisão, pela riqueza e diversidade de línguas, ritos, cantos, símbolos, gestos, bem como seus saberes. O indígena atual não quer mais ser posicionado no passado. O

povo indígena sofreu uma desterritorialização espacial, mas mostra como pode se apropriar de outros espaços, línguas e letramentos para criar e recriar o “sentido de ser índio”.

É preciso pensar, como salientam os estudiosos do letramento, em como as práticas de linguagem estão implicadas na forma como os sujeitos atuam socialmente e como essa atuação implica na produção de novas práticas de uso da escrita, da linguagem considerando a diversidade linguístico-cultural.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ana Carolina e MAGNONI, Antônio Francisco. Rádio e Internet: recursos proporcionados pela web ao radiojornalismo. In: FERRARETTO, Luis Artur e KLOCKNER, Luciano (Orgs.). *E o rádio?* Novos horizontes midiáticos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. p. 432-445
- BARTON, David; HAMILTON, Mary et al. *Worlds of literacy*. Clevedon: Multilingual Matters, 1994.
- BARTON, David e LEE, Carmen. *Linguagem on line: textos e práticas digitais*. São Paulo: Parábola, 2015.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Tradução, revisão técnica e prefácio de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- KLEIMAN, Angela e DE GRANDE, Paula Baracat. *Intersecções entre linguística aplicada e os estudos de letramento: desenhos transdisciplinares, éticos e críticos de pesquisa*. Matranga, Rio de Janeiro, v. 22, n. 36, p. 11-30, 2015
- KLEIMAN, Angela B. e SITO, Luanda. Rejane Soares. Multiletramentos, interdições e marginalidades. In: KLEIMAN, Angela B. e ASSIS, Juliana Alves (Orgs.). *Significados e Ressignificados do letramento: desdobramentos de uma perspectiva sociocultural sobre a escrita*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2016. p. 169-198.
- MAIA, Junot de Oliveira. Novos e híbridos letramentos em contexto de periferia. In: ROJO, Roxane (Org.). *Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICs*. São Paulo: Parábola, 2013. p. 59-72.
- MAGNONI, Antonio Francisco e RODRIGUES, Kelly de Conti. O rádio e a adaptação à nova era das tecnologias da comunicação e informação: contextos, produção e consumo. In: *XI ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA*. UFOP. Ouro Preto, Minas Gerais. 30 de maio a 1º de junho de 2013.
- MAHER, Terezinha Machado. Sendo Índio em Português. In: SIGNORINI, Inês. *Língua (gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, SP: Mercado da Letras. 1998. p. 115-138
- NASCIMENTO, André Marques. A queda do céu: elementos para a descentralização epistemológica dos estudos da linguagem desde visões indígenas. In: VESZ-ZOLIN, Fernando. *Linguagens e Descolonialidades: práticas languageiras e produção de (des) colonialidades no mundo contemporâneo*, volume 2. Campinas, SP: Pontes, 2017. p. 55-78
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificacion social. *Revista semestral del Departamento de Estudios Ibéricos y Latinoamericanos de la Universidad de Guadalajara*. Año 3, número 5, julio-diciembre, 2011. Disponível em: <http://www.contextualizacioneslatinoamericanas.com.mx>. Acesso em 02.01.18.

RÁDIO YANDÊ. Disponível em <http://radioyande.com/>. Acesso em 12, 13 e 14 de janeiro de 2018.

RUÍDO URBANO TV. Entrevista com a Banda de Metal Arandu Arakuaa. Youtube, 26 ago 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1-IrzKULqKA>. Acesso em 12/01/2018.

STREET, Brian. Perspectivas Interculturais sobre o letramento. *Filologia Linguística Portuguesa*. n. 8, p. 465-488, 2006.

Artigo recebido em setembro de 2019.

Artigo aceito em novembro de 2019.